

Perigo: a naturalização da violência

Sáb, 22 de Fevereiro de 2014 20:34

Angela Cristina Belém Mascarenhas, Silvia Rosa Silva Zanolla

Os últimos acontecimentos envolvendo situações com características de chacinas e extermínios preocupam bastante. As cidades pequenas têm vivenciado uma escalada de violência que as colocam no mesmo patamar dos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo. Vários fatores chamam a atenção. No caso de Goiânia chama a atenção seu crescimento nos últimos tempos e infelizmente esse crescimento não representou uma melhoria na qualidade de vida da população em geral. Pelo contrário, o que observamos é a perda da qualidade de vida. O processo de desenvolvimento da cidade se deu de uma maneira muito perversa. O que não é de se estranhar, já que esse desenvolvimento é parte da expansão de um sistema social baseado na extrema desigualdade e exploração. O crescimento das cidades dentro desse contexto se dá a partir do desequilíbrio ambiental, destruição da natureza, especulação imobiliária e uma profunda desigualdade na distribuição de renda. Goiânia é um exemplo muito claro de tudo isso, pois algumas pesquisas apontam que é uma das cidades com maior desigualdade na distribuição de renda. Esses fatores têm nos levado a pagar um preço muito alto: a desumanização da vida e das relações sociais. Uma das consequências de todo esse processo é o aumento da violência e uma situação de quase pânico, de medo, de insegurança. Precisamos ter certos cuidados e esclarecer alguns elementos para lidarmos com tudo isso. É importante entendermos que a violência não tem como causas simplesmente as atitudes violentas. Essas atitudes são desencadeadas por uma série de fatores, vários deles já citados. A violência vai muito além da relação com as drogas, pequenos ou grandes delitos, ou com comportamentos diversos. Temos que nos perguntar o que leva a esses comportamentos. Por exemplo: o que leva um jovem a se envolver com o uso de drogas ou o tráfico ao invés de ter uma vida mais equilibrada e saudável? Quais outros espaços de sociabilidade, esse jovem tem como alternativa? Boas escolas garantidas a todos? Ricas atividades culturais? Lazer e esporte? Boas condições de vida? Oportunidade de trabalho? O que assusta é observar que não encontramos na vida social espaços de sociabilidade que garantam uma vida humanizada. Instituições como: escola, família, Estado, e outras, não estão garantindo isso. Assim, a barbárie social se constitui. Assusta mais ainda observar que o combate à barbárie se faz através de mais barbárie. É a violência sendo combatida com a violência. Chamam atenção as questões que aparecem no debate: o reforço do aparato repressivo da polícia, a diminuição da maioria penal e a pena de morte. Todos, elementos de cultivo da barbárie que inviabilizam a pacificação das relações sociais. Significando não um combate à violência, mas sim, a naturalização desta, reforçando-a. A concepção é de que não há alternativa fora da esfera da violência. Essa naturalização está nas ruas com a absorção corriqueira e cotidiana da violência; está no espaço das instituições e da mentalidade das pessoas. É comum presenciarmos calorosas defesas da pena de morte, inclusive nos meios de comunicação. É também comum a defesa do armamento da população. Há pouco tempo fizemos este debate através do plebiscito que consultou sobre o desarmamento e ela disse não. A justificativa era que as pessoas precisavam se defender e para isso precisavam se armar, vendo o outro como inimigo. Podemos também observar este tipo de concepção com relação ao trabalho da polícia. Muitas vezes a população exige da polícia que aja com violência, depois, de forma muito contraditória, exige uma atuação mais humanizada

e respeitosa. É preciso destacar que para a polícia ter uma atuação humanizada, precisa contar com toda uma estrutura e condições que possibilitem isso. E nós sabemos que a polícia atua em condições bastante precárias: baixos salários, número insuficiente de policiais e carência de material de apoio. Cobra-se um bom trabalho, mas não são oferecidas boas condições de trabalho. Mais uma grande contradição. O combate à violência não é tarefa simples. Exige apreender os nexos que fazem com que ela emerja e se desdobre a partir dos fatores econômicos, históricos, sociais, políticos e culturais que a implementam.

Angela Cristina Belém Mascarenhas, Socióloga, é professora da Faculdade de Educação da UFG. Silvia Rosa Silva Zanolla, Psicóloga, é professora da Faculdade de Educação da UFG.